

ANO INTERNACIONAL DA FAMÍLIA

ONGS católicas e CCIC

Apresentação

1994 foi o Ano Internacional da Família.

Nesse ano, nosso Instituto convocou um primeiro Colóquio em Roma, intitulado *As Famílias*, no qual participaram 60 lassalistas oriundos de todas as partes do mundo. O Boletim do Instituto N° 245, deu a conhecer os problemas do tema, e um conjunto de práticas endereçadas a todos os educadores lassalistas.

Desde então já decorreram 12 anos.

Bom será que nossas comunidades educativas retomem a reflexão de base e as práticas em curso sobre uma temática tão essencial para as crianças e os jovens, mas também para a indispensável colaboração entre pais e educadores. Isto nos permitirá aperceber-nos da pertinência sempre atual de nossas conclusões de 1994, e a energia vital inspiradora que elas ainda possuem.

Precisamente neste espírito, propomos aqui o texto de avaliação do grupo Família, formado pelas ONGs católicas com as quais o Centro Católico para UNESCO (CCIC) colabora. Esse grupo se empenhou em assinalar os avanços internacionais bem como as oposições, retrocessos e desafios com os quais as famílias de 2004 têm que confrontar-se, dez anos após o primeiro Ano Internacional da Família.

Este texto não diz tudo, mas apresenta certo número de tendências que nos podem fornecer alguns acessos á leitura de nossas realidades regionais, e assim, incitar-nos a um compromisso maior num terreno em que os lassalistas não se empenham o suficiente.

Agradecemos penhoradamente aqui ao grupo das ONGs católicas e ao CCIC pelo grande estímulo que nos dão.

Irmão Nicolas Capelle, fsc

Introdução

Em 1994, as Nações Unidas convidaram todos os países do mundo a celebrarem o Ano Internacional da Família (AIF). Dentro da UNESCO, algumas ONGs formaram um grupo de trabalho, no qual as ONGs católicas desempenharam uma função motriz.

Em 2004, as Nações Unidas celebraram o décimo aniversário do AIF. Algumas ONGs católicas – ligadas à UNESCO e à Santa Sé – insistiram em fornecer sua contribuição ao acontecimento. Efetivamente, parece fundamental proporcionar à família, “célula base da sociedade”, a possibilidade de cumprir com as obrigações que lhe cabem, especialmente na área do desenvolvimento social e econômico, ético e cultural.

Pois bem, havia já dez anos que se percebia, que a ajuda do Estado, e a da sociedade, eram necessárias para que as famílias pudessem fazer frente às suas responsabilidades. Além do mais, os modelos familiares de referência evoluíram em função do contexto econômico, político e social. A família oferece feições muito variadas: família nuclear, tradicional, monoparental, recomposta... Parece-nos importante comprovar se esse fenômeno está perdendo velocidade, se está estabilizando, ou se acelerando, para elaborar sobre a base dos resultados obtidos, propostas de ação capazes de influir nos responsáveis políticos, naqueles que tomam as decisões, e na sociedade civil.

Em outubro de 2002, foi enviado um questionário aos secretariados gerais das ONGs/UNESCO, ex-membros do “Grupo Família” e a outras organizações interessadas, solicitando que as difundissem o mais possível entre seus membros empenhados na tarefa (cf. anexos). Convidaram-nas a pôr em destaque aquilo que haviam podido observar como evolução das estruturas familiares, os comportamentos no seio das famílias, a influência da sociedade nas famílias, as políticas familiares de seus países e as atividades desenvolvidas. A partir de suas observações e atividades na área, se solicitou a cada um que formulasse propostas de ação nos diversos campos de competência da UNESCO: educação, ciência e ética, cultura e desenvolvimento, comunicação, ciências sociais e humanas.

Cento e cinquenta respostas coletivas foram devolvidas, vindas de cinquenta e três países do cinco continentes, com apresentações de experiências, culturas e tradições diferentes. A síntese, obviamente, não evidencia uma situação exaustiva do estado da evolução atual das famílias. Os redatores respeitaram os pontos de vista emanados dos países. Destacando pontos fortes e frisando convergências, a síntese dá pé para sugestões pertinentes, vislumbres de esperança e de necessidades. São apresentadas aqui essas proposições para serem tomadas em consideração na política geral dos Estados, e para influírem na opinião pública.

OBSERVAÇÕES

Apesar de reconhecer a função da família como base da sociedade, e asseverar que há famílias que funcionam bem, o quadro fornecido a seguir, é muitas vezes sombrio e alarmante.

Para entender isto, podemos adiantar três causas:

- ✓ A importância das expectativas relativas à família.
- ✓ A atividade principal de grande número de ONGs que responderam citando: a luta contra a pobreza, educação, situação da mulher, proteção às crianças, paz, setores que não dão pé para um otimismo transbordante.
- ✓ A globalização em sua acepção negativa: sucessão de crises econômicas, individualismo e consumismo, aceleração das mudanças.

*

* *

1. A Evolução das Estruturas e dos Modelos

Um modelo cultural e religioso menos evidente

Todas as respostas, não importa de que continente venham, apontam para a instabilidade dos casais. Em toda parte, aumentou o número de divórcios, os casamentos são celebrados mais tardiamente. Entre as causas do adiamento, a rejeição de compromissos, o prolongamento do tempo da escolarização, a pobreza, a coabitação, a ausência do desejo de ter filhos. Na Federação russa, diz-se que 42% dos casais não têm filhos.

Em todas as respostas houve coincidência em declarar que a coabitação se está incrementando. *Para que casar se a sociedade aceita a união livre?* – Uma resposta da América Latina assevera que o casamento, amiúde, se concretiza, quando para o primeiro filho chega a hora de ir para o colégio. A noção do filho natural se está trivializando; na Europa já não se faz diferença, e em várias respostas vindas da Austrália, é usada a expressão “paternidade *de facto*”. Na Eslováquia, um de cada cinco filhos nasce fora do casamento (um de cada quatro na União Européia). Uma resposta procedente da Índia, pelo contrário, assevera que a proporção de casais não casados é inapreciável, diminuta, no país.

Na América Latina observa-se que o casamento religioso, mais que o casamento social ou civil, perdeu grande parte de sua auréola. Em algumas respostas é observado que já não se sabe bem o que é uma família autêntica, enquanto que em outras, América Latina, Bacia do Mediterrâneo, Filipinas, Índia...há insistência no número de casamentos, religiosos ou tradicionais, que perduram, pondo assim de manifesto a persistência da instituição, em toda parte, com mais ou menos vigor, particularmente nas áreas rurais.

Na África, onde se verifica a mesma evolução que em qualquer outra parte, a tradição ancestral permanece vigorosa, apesar de tudo, *“as pessoas não se casam para se separarem”*. No Senegal percebe-se a tendência de impor a todos os ditames do código muçulmano da família. Várias respostas, provenientes de todos os continentes, destacam o decréscimo do número de filhos.

Algumas respostas relatam que mais casais homossexuais estão saindo da clandestinidade. Na Nova Zelândia, informam que a fecundação *in vitro* é possível para mulheres solteiras ou lésbicas.

Transferência de responsabilidade

Verifica-se em toda parte o aumento do número de mulheres chefes ou cabeças da família, em consequência do divórcio, do abandono, da viuvez (esta, cada dia, mais devida à AIDS, à violência, aos conflitos internacionais...), ou à opção por permanecerem solteiras. As consequências, tanto afetivas quanto econômicas, amiúde são importantes, mesmo que, felizmente, se possa notar uma atenção maior às famílias em tais situações, na Europa e na América Latina.

Mesmo que se admita que há família logo que nasça o primeiro filho, pode-se fazer referência aqui à frequência, muitas vezes mencionada em toda parte, da gravidez precoce com suas variadas realidades e resultados: a coabitação mais ou menos difícil com os pais, a rejeição da família ou por parte da família, com todos os riscos inerentes, inclusive as pressões exercidas para recorrer ao aborto.

Na Europa, a locução “família monoparental” é aplicada também ao pai somente, mesmo que, com frequência, não seja mais que uma etapa de sua vida. Vai aumentando rapidamente o número de famílias recompostas ou reconciliadas, com funções parentais bastante vagas (Como podem ser chamados os avós do filho de sua madrasta?); o equívoco é mais evidente naquilo a que se refere a função paterna. Mas um novo modelo de custódia alternada começa a generalizar-se: os filhos vivem uma parte da semana com a mãe, e outra parte com o pai. O aumento das famílias recompostas também se verifica amplamente na América Latina. Este fenômeno é muitas vezes considerado como causa da falta de pontos de referência para as crianças.

É também mencionado o caso dos avós chefes de família, quando o casal se separou, quando os pais tiveram que afastar-se em busca de trabalho longe de casa, ou quando morreram em consequência da AIDS: isto se dá tanto na Ucrânia como na Argentina ou no Uagadugu (*capital da Burkina Fasso, ex-Alto Volta*). A Europa e a Austrália realçam a importância da função dos avós nas famílias nucleares clássicas, quando o pai e a mãe trabalham fora de casa.

Uma nova administração do espaço

Muitos observam que os movimentos de migração do campo para a cidade, bem como para os países mais ricos, também são causas da fragmentação das famílias, sobretudo devido a motivos econômicos, mas também em razão de conflitos. São feitas alusões ao movimento em larga escala de mulheres que saem em busca de trabalho.

Muitos fazem referência ao grande número de famílias intergeracionais, devido a motivos econômicos: dificuldade para encontrar emprego ou moradia por preços moderados. Vive-se com os avós; os jovens permanecem com os pais até depois de atingirem a idade adulta. Pelo oposto, em países em vias de desenvolvimento, observa-se a dissolução da família intergeracional devido às moradias urbanas inadaptadas. Cita-se que na Federação Russa, a família tradicional (quatro avós, dois familiares casados e os filhos) morando no mesmo lugar geográfico, já não representam mais que 2% das famílias.

O termo “intergeracional” é empregado num questionário em Benin, para definir a situação ainda frequente de meninas muitos jovens, casadas pelos pais com homens na maioridade. Paradoxalmente, esta situação se dá na Austrália, onde chegam jovens asiáticas atraídas para se casarem com homens maiores de idade.

Na Europa, as respostas mencionam o aumento do número das pessoas que vivem e moram sozinhas (11% da população europeia): solteiros ou pessoas idosas; o número de pessoas idosas que terminam a vida em instituições, nas quais a família descarrega suas responsabilidades, vai crescendo. Não se cita o abandono de anciãos na América Latina. Por sua vez, a Nova Zelândia e a Austrália fazem referências a aldeias de aposentados, enquanto que nas famílias de aborígenes, três ou quatro gerações continuam vivendo e morando juntas.

Alguns questionários vindos da América Latina também mencionam o caso de crianças morando sozinhas, e o surgimento de meninos soldados, nessa categoria.

Várias respostas fazem referência ao aumento do número de famílias interculturais, devido aos deslocamentos de população: situação difícil de suportar, sobretudo quando o nível de educação entre os casais não é o mesmo; na África do Sul, uma resposta ressalta que essas famílias têm tanta necessidade de aconselhamento e de apoio como os lares separados. Em países como o Senegal, onde a cultura é pouco homogênea, devido à presença de religiões diferentes, os casamentos interculturais são difíceis, e mesmo categoricamente rejeitados, conforme os grupos. Respostas da Nova Zelândia ou da Namíbia apresentam os casamentos multiculturais como um enriquecimento, *“um bom exemplo de humanidade”*, e até mesmo como mais estáveis.

Assim, pois, a evolução já verificada desde há dez anos, se acelerou e generalizou: a família, por definição em permanente mudança com o tempo, se torna multiforme, mas ainda permanece ali, sujeitada tanto a expectativas como a críticas.

2 EVOLUÇÃO DOS COMPORTAMENTOS

Comportamentos novos com tendência de se generalizarem

As mudanças de estruturas dentro das famílias influem nos comportamentos dos casais, dos pais e dos filhos. Podem ser destacadas:

- ✓ A absorvente vida profissional, por vezes tanto para o pai como para a mãe, sem que a mãe deixe de ser a mais dedicada aos filhos. O consumismo, a busca do benefício ou, pelo contrário, a mera busca dos meios para viver, e a dificuldade para encontrar um emprego, ocasionam uma carência de disponibilidade dos pais para seus filhos. Esta é uma observação quase unânime.
- ✓ A transmissão de valores familiares mais difícil, sobretudo quando existem problemas de relacionamento: o hiato, as diferenças de opinião ou de caráter, entre as gerações são uma realidade do presente, apesar de terem a tendência a decrescerem na Europa e na América Latina, porque se está concedendo muita liberdade aos filhos. As normas religiosas, sociais e culturais tornaram-se menos evidentes. Muitas respostas relatam exemplos negativos dados pelos adultos.
- ✓ A competição de “grupos secundários” (amigos, clubes, discotecas...) e a televisão, que “socializam” diferentemente, inculcando outros valores (sem nenhum elemento de avaliação crítica que permita questioná-los, se evidencia), e outros costumes.
- ✓ O nível de cultura dos filhos superior ao dos seus pais pouco escolarizados, quando não analfabetos, que leva a uma falta de confiança, à incompreensão (particularmente quando dá em conflito de duas culturas) e, por vezes, na falta de respeito.
- ✓ As dificuldades econômicas, que complicam o exercício das funções familiares, sobretudo quando perduram, perturbam em seu conjunto o modo de vida, e são vivenciadas como uma exclusão. A obrigação por parte dos filhos de contribuir para a manutenção econômica da família, necessariamente não é prejudicial quando, na ausência, de violência, deixa espaço para a educação.
- ✓ O excesso de atividades extra-escolares, para certo número de crianças, nos países desenvolvidos. Dar somente respostas materiais aos desejos dos filhos é uma maneira de os pais insuficientemente disponíveis ou divorciados se desculparem.

Dispersão das famílias

Quer que aconteça devido à separação do casal, os danos causados pela AIDS, à expatriação de um dos pais, ou de um, ou de vários dos filhos, a dispersão das famílias é uma realidade frequentemente mencionada.

Em muitas respostas é ressaltado que a situação contribui para complicar o exercício das múltiplas funções da família. Percebe-se que ante a ruptura familiar, devido às desavenças dos pais, por vezes, os jovens se vêem menos propensos a fundar sua própria família; suas prioridades, frequentemente, vêm a ser o desenvolvimento pessoal e a carreira, ou tão somente a necessidade de garantir sua vida cotidiana, daí resultando uma sensação de insegurança em face do futuro. A decisão pelo casamento, por vezes, se liga ao desejo de ter filhos, e por isso não acontece antes do

nascimento do primeiro filho; contudo, há muitas exceções, tanto nos países desenvolvidos como na América Latina.

Há freqüentes referências à função dos avós, chamados a substituir os pais quando acontece uma alteração na família nuclear, devido a uma ou outra das causas acima mencionadas. Na sua condição e capacidade de avós, eles são considerados muito importantes, porque transmitem uma educação mais estruturada que os pais – assim assevera uma resposta vinda da Grécia; para outros eles têm a vantagem de serem capazes de propor e não impor. O fato de nem sempre estarem disponíveis é deplorado em quase todas as respostas.

Depauperação do sentido da responsabilidade paterna

Em especial na Europa, percebe-se a regressão da responsabilidade paterna, assumida parcialmente, em seu lugar, pelos serviços sociais. Também na África se verifica a despreocupação dos pais, sua inépcia para contribuir nas orientações e decisões que forjam a vida e o destino de seus filhos. A busca do bem-estar material prevalece sobre a função educativa. Em outras notas também se percebe que as famílias que vivem nos povoados africanos, encontram as mesmas dificuldades com seus filhos que as famílias muito pobres que vivem nos países industrializados.

Nestes últimos anos, os pais, pouco ou nada preparados para suas funções, se vêm desnorteados por seus filhos; *“o ser pai não se transmitiu corretamente de uma geração à outra”*. A falta de diálogo foi mencionada várias vezes. As mães, sozinhas em frente das responsabilidades, não se atrevem a opor-se aos filhos pelo temor de perderem o amor deles. Os filhos são estimulados a buscar o êxito pessoal. Verifica-se que, em caso de separação do casal, se torna mais difícil exercer a autoridade.

Todavia, na Europa, mas também na América Latina, em geral há motivos de nos alegrarmos pelo melhor empenho dos pais, e pelo co-exercício da autoridade paterna (facilitado pela existência de dois salários, especifica uma resposta canadense). Presta-se mais consideração à opinião dos filhos, inclusive dos muito jovens.

Importância da cooperação família/escola

Muitas respostas expressam confiança na instituição escolar, espaço de transmissão do saber e dos valores; mas, em número demasiadamente elevado de países, em consequência da pobreza, do trabalho infantil...a família se vê incapacitada para garantir uma escolarização normal, ou, então, não a considera prioridade. Contudo, uma resposta informa que na República de Gana, o número de meninas escolarizadas tem aumentado notavelmente, e em Madagascar, uma ONG menciona que conseguiu do governo local a gratuidade da escola para o grupo de crianças muito pobres que sustenta.

Nos países desenvolvidos, percebe-se o desinteresse dos jovens pela escola, que já não é a única fonte do saber, tanto mais porque os novos modelos de vida não estimulam a cooperação dos pais com ela. Por outro lado, a maioria dos pais e dos professores estão mal preparados para essa cooperação.

Exige-se muito da escola: os pais tendem a transferir para ela suas responsabilidades, ao mesmo tempo que se mostram menos exigentes por educação que por resultados acadêmicos.

A violência familiar em alta

Nas respostas vindas de todas as partes do mundo se menciona o incremento da violência familiar, malgrado algumas respostas declararem não a terem encontrado. Na África, assim como na América Latina, a culpa é atribuída ao crescimento do individualismo que rompe o vínculo social e familiar, ao machismo, às condições difíceis de vida, ao alcoolismo e ao desemprego, à insatisfação dos frustrados do consumismo, ao conflito das culturas, à violência da própria sociedade.

As ONGs que tratam dessas situações, enumeram a violência entre o casal (sobretudo contra a mulher, chegando inclusive ao assassinato, algumas vezes seguido do suicídio do marido), a violência contra os filhos (muitas vezes a causa da fuga de casa, inclusive de meninas, com todos os perigos que esta situação traz consigo), a violência contra os anciãos, e a aparição da violência dos jovens contra seus pais.

Em quase todas as respostas é declarado que a violência está em alta na sociedade, na família, na escola; mas, com frequência também é sugerido que existe uma maior sensibilidade ante o fenômeno da violência na família, e que ela, a violência, é denunciada com mais facilidade e coragem; os meios de comunicação exibem intoleráveis exemplos de violência, mas também contribuem para a tomada de consciência em face do problema.

Alguns problemas específicos

Família e condição feminina: A pesquisa mostra que a paridade menino/menina, com frequência é meramente fictícia (ponto particularizado na Índia, por exemplo). Na Europa, e alhures, pelo contrário, nota-se que as meninas cursam os mesmos estudos que os meninos, e que se têm verificado progressos autênticos em vista da igualdade profissional...

Os meninos continuam sendo menos solicitados para executarem trabalhos domésticos. Exige-se mais das meninas, que, não obstante, conseguem melhores resultados acadêmicos. Não poucas vezes (na África, Ásia), a situação é ambígua: há efetivamente para elas melhor acesso à educação, inclusive à universidade, resultando maior possibilidade de vida profissional e maior liberdade para a opção pelo casamento e o marido. No entanto, nota-se um maior número de meninas, 14/18 anos de idade, que aderem à prostituição, numerosas vítimas da excisão e da violência familiar, dificuldades de emprego, originando tensões, quando as meninas permanecem a cargo da família.

Foi também mencionado que o progresso do tratamento igualitário de meninos e meninas, pode fazer-se acompanhar de muita promiscuidade, e, devido ao contexto de liberdade em que os jovens são educados, isto facilita a coabitação, com um número demasiadamente elevado de casos de gravidez precoce.

Nos países ricos, com a importância dada ao corpo, pode perceber-se que os casos de anorexia e de bulimia se vão multiplicando.

As tarefas das mulheres nas famílias, se tornam mais complexas em consequência da importância dada ao desenvolvimento pessoal, que se vai somando à necessidade de trabalhar fora, à precariedade dos vínculos conjugais, às múltiplas incertezas e hesitações referentes à educação dos filhos. Graças a ações patrocinadas por ONGs, podem ver-se mães de famílias necessitadas que melhoraram o exercício de sua função educativa, ao mesmo tempo que se dedicam com afincamento em programas de formação e de melhora dos padrões de vida.

A contracepção significa a liberdade de opção (*o filho que eu desejo, quando o quero*), o primado da decisão da mulher e a participação do casal na realização de políticas demográficas, estimadas por alguns como necessárias ao desenvolvimento. Algumas respostas, que vêm no fenômeno o ressurgimento da “mulher objeto”, destacam que, sobretudo por parte do homem, também facilitam comportamentos irresponsáveis.

As crianças abandonadas a prover a própria subsistência: Em consequência da não-aceitação da disciplina familiar, ou de variadas carências ou violências familiares, há crianças que, ocasional ou definitivamente abandonam sua família, vindo-se logo expostas à influência de gangues e quadrilhas, a redes de drogas e de prostituição cada dia melhor organizadas, à violência, à delinquência... Respostas vindas da América Latina e da África evocam o problema crucial dos meninos e meninas de rua.

Na África, pelo menos nas cidades, nota-se que a família ampliada, que era uma possível salvaguarda, tende a desaparecer.

As famílias imigradas: Desorientadas pelo dessemelhança entre o modo de vida de suas culturas de origem e a cultura do país de acolhida, elas correm o risco de viver marginalizadas, de encontrar dificuldades de integração, notadamente quando vítimas do desemprego, tão nefasto para a autoridade paterna. Os pais não sabem como comportar-se com os filhos, mais permeáveis à cultura do país de acolhida, vêm-se quase na impossibilidade de oferecer-lhes exemplos de inclusão bem sucedida. Por outro lado, os nativos vêm nos recém-vindos uma ameaça para seus empregos, especialmente nos países pobres. Nas famílias muçulmanas, o problema de adaptação torna-se mais difícil para as mulheres e as meninas.

Não raras vezes os laços familiares se debilitam, por necessidade ou por opção. A afetividade ocupa um lugar amplo nos comportamentos, e a adaptação a uma realidade instável impõe mudanças nas funções de cada um.

2. A INFLUÊNCIA DOS GRANDES PROBLEMAS SOCIAIS SOBRE A EVOLUÇÃO DA FAMÍLIA

As famílias transparecem os problemas sociais, assevera uma resposta provinda da América Latina, e a sociedade faz transparecer os problemas existentes nas famílias. Pode-se acrescentar que a questão social, em grande porção, é condicionada pela situação econômica, quer esta tenha sua origem na globalização ou nas circunstâncias específicas dos países.

Podemos discriminar algumas grandes linhas significativas, extraídas das respostas que nos chegaram dos cinco continentes.

A maioria da população vive do cotidiano

O **desemprego** é o problema recorrente, quer seja endêmico, como em muitos países, inclusive a Europa, quer seja o resultado de uma crise econômica que desorganizasse a estrutura social, desestabilizando as famílias, como aconteceu na Argentina, onde as famílias da classe média caíram repentinamente na pobreza (dois milhões de pessoas, em seis meses, assevera uma das respostas).

Os jovens dos países industrializados têm dificuldade para encontrar um emprego estável, e, por isso, retardam seu projeto de constituírem uma família. Os chefes de família, sejam quais forem suas qualificações, podem ver-se atingidos pelo desemprego por longo tempo; é então que a mulher tem que assumir a função de provedora econômica, situação que pode inclusive desestabilizar a família. O desemprego estrutural afeta um grande número de famílias, e quando pai e mãe são desempregados, demasiada assistência social *mata* o senso do valor do “trabalho”, priva os pais de sua dignidade e de parte de suas responsabilidades (Europa, Argentina). Os países da Europa Central e Oriental também se encontram fortemente afetados pelo desemprego.

A **pobreza** é a conseqüência, mas também a causa do desemprego: falta de qualificação, falta de acesso ao mercado de trabalho, carência de confiança em si... Quase todas as respostas mencionam o abismo cada vez mais profundo entre os ricos e os pobres em seus países. As famílias pobres elaboram estratégias para sobreviver, incluindo, amiúde, o trabalho informal: na América Latina todos os membros da família põem mãos à obra, inclusive as crianças menores, que com muito êxito executam um ou outro “pequeno serviço”, mas, que se expõem mais facilmente aos perigos da rua, com o risco de perder o privilégio de seus direitos específicos: direito à educação, direito de brincar, de jogar, de proteção... Da África, chegaram asserções de que as mães de família, geralmente, conseguem prover mais exitosamente que os pais a sobrevivência cotidiana. Nessas situações as funções da mãe são confiadas, por vezes, a uma filha de mais idade. Infelizmente, a prostituição, como estratégia para sobreviver, a cada dia que passa, vai-se tornando mais generalizada.

A pobreza é nefasta para a família, porque tolhe a seus membros as oportunidades de se desenvolverem pessoal e socialmente, mais particularmente os filhos, afirma uma resposta chegada da Polônia; pode também gerar a violência e abrir o caminho ao alcoolismo. Todavia, a solidariedade familiar, com freqüência, evita o naufrágio na miséria e na desesperança; em muitos casos, os filhos são fonte de esperança e de energia.

A **migração**, com muita freqüência, é uma resposta à pobreza e ao desemprego. Os moradores de áreas rurais abandonam uma agricultura que já não rende o suficiente, ou então, se deslocam de um extremo do país a outro, porque a política aplicada aumenta as desigualdades entre as regiões. O campo se converte em deserto e as periferias urbanas em cinturões desassistidos, onde os recém-

chegados encontram muita dificuldade para conciliar sua cultura rural com a urbana. Com frequência se vêem explorados, excluídos pelos que chegaram antes, tornando-se vítimas de facções que contribuem para a desintegração das famílias.

Quando as famílias de migrantes chegam dos países em vias de desenvolvimento para os países desenvolvidos, o choque cultural é ainda mais intenso. Cita-se a inadequação da escola para suas necessidades; as mulheres pouco instruídas, ignorando a língua, assim como seus filhos, têm acesso difícil aos serviços públicos. Muitas das respostas enviadas listam os problemas inerentes à imigração, dizendo antes de concluir, que, globalmente, certo número de famílias chegam a uma boa integração, o trabalho sendo reconhecido como a força motriz para isto.

Na Namíbia, na República Dominicana, as respostas confirmam a dificuldade dos países em vias de desenvolvimento para acolher as famílias de migrantes ou refugiados dos países vizinhos.

Numerosas respostas pormenorizam as conseqüências da dispersão das famílias, em seus membros: avós desempenhando as funções dos pais, ou incapazes de cumprir suas obrigações de avós; pais idosos afastados de seus filhos; pais que deixaram de beneficiar-se do apoio da família ampliada; a mãe obrigada a assumir as responsabilidades familiares, quando o pai está fora de casa durante três semanas por mês, ou o contrário, a esposa voltando à situação da infância, por força de ter que viver em casa de seus pais, durante o tempo da ausência do marido.

Uma forma de vida na dependência da vida política e econômica

A **habitação** é um problema posto repetidamente em destaque: Numa sociedade que se está urbanizando cada dia mais, as acomodações são escassamente disponíveis e, por isso, dispendiosas, ou apertadas, ou insalubres, ou situadas longe. É por isso que os jovens retardam o casamento e a formação de novas famílias. Para as famílias pobres, depois do emprego, o problema da moradia é aquele que mais pode estropiar, não apenas os laços familiares, mas também a saúde. Na América Latina, na África, a obtenção de documentos de legalização da ocupação de uma moradia, por mais insalubre que seja, é uma séria preocupação.

A **carência de serviços públicos** nos bairros desfavorecidos e desassistidos, complica ainda mais a vida e, conseqüentemente intensifica a exclusão. Além disso, a tendência dos atuais governantes de privatizar, não contribui para solucionar a carência: “*À dívida externa, em geral, corresponde uma dívida social*”, lê-se numa resposta vinda da América Latina. É também nessa região onde se verifica o nexo entre políticas sociais e trabalho, o que exclui ainda mais as famílias dos desempregados. Estamos testemunhando o aparecimento de serviços públicos para os ricos e outros para os pobres.

A **Saúde** é também mencionada freqüentemente nas respostas, como um problema importante para as famílias, exacerbado pela falta de centros ou postos de saúde. As respostas fazem referência à tuberculose, agravada pelas acomodações insalubres e a desnutrição em vias de se generalizar entre os pobres, em toda parte. Está ali também a AIDS, amplamente destacada nas respostas oriundas da África, com seu cortejo de órfãos e crianças soropositivas, e não se podem esquecer a malária e as doenças sexualmente transmissíveis, tanto mais presentes quanto mais a prostituição prolifera.

Na maioria dos continentes, evoca-se o impacto das estiagens, ou então das inundações, do desmatamento... sobre as famílias das áreas rurais. No Canadá, foi mencionada a tensão no mercado de trabalho em conseqüência das mudanças na exploração dos recursos naturais: pesca, madeira...

Uma vivência comum em busca de valores

A **prática religiosa** é apontada como em baixa nos países majoritariamente católicos, batendo em retirada ante o materialismo ambiente. Existe um vazio espiritual; e uma falta de educação religiosa, combinada com uma tolerância mal entendida, que pode desembocar num sincretismo pouco formativo; daí a rápida expansão das seitas ou fundamentalismos que prometem e pretendem oferecer um ambiente e certezas tranqüilizadoras. Nos grandes centros urbanos que não contam com amenidades decentes, os recém-chegados se amontoam em grandes imóveis, cada grupo exercendo pressão sobre o outro para salvaguardar sua identidade; os problemas surgem dos “conflitos” entre as religiões e as culturas com as quais as diferentes populações se identificam.

Entretanto, as estruturas religiosas continuam desempenhando uma função social importante na educação, na luta contra a pobreza e a favor do respeito pelos direitos humanos.

Os **meios de comunicação** são unanimemente criticados nas respostas recebidas, porque contribuem para obscurecer o sentido dos valores; *reduzem a fatos triviais a infidelidade conjugal, o divórcio, o aborto, a homossexualidade, a pornografia, a violência...* assevera uma resposta vinda da Europa. Outra resposta oriunda da África destaca que “*os seriados televisivos importados alienam os jovens e causam dano à autoridade dos pais*”. Infelizmente, as instituições (classes políticas, autoridades religiosas, escolas...) são expostas a uma perda de confiança e enfrentam grande dificuldade para conseguir que o povo tome em consideração esses valores, capazes de equilibrar a influência dos meios de comunicação que se converteram nos principais educadores, segundo alguns.

Contudo, uma resposta americana, dentre as vantagens dos meios de comunicação, aponta o e-mail como mantenedor do vínculo entre as famílias distanciadas geograficamente.

A violência aumenta: violência na família, mas também a violência sofrida dentro das comunidades, das metrópoles, onde a promiscuidade, a perda dos relacionamentos sociais, o desemprego e numerosas frustrações fazem suas devastações.

A **guerra**, o mais das vezes civil, é igualmente uma triste realidade com que as famílias em zonas de conflito têm que contar em sua vida diária, com a sensação da fragilidade de sua existência e a precariedade provocada pela insegurança. Esta é a causa de numerosas migrações de famílias.

Assim, a vida de uma maioria das famílias, resulta ser marcada por uma grande instabilidade, imposta por circunstâncias econômicas, políticas e sociais. As famílias adotam estratégias de vida que, às vezes, fortalecem os laços entre seus membros, malgrado as dificuldades; mas, outras vezes, não conseguem manter intacta a integridade da família.

3. EVOLUÇÃO DAS POLÍTICAS FAMILIARES

Nas respostas vindas da quase totalidade dos países dos cinco continentes, foi mencionada a existência de inovações, avanços, mudanças nas políticas familiares, serviços sociais, ou ações realizadas nos países, com a exceção apenas de alguns (Djibuti, Lituânia). E, quando os países não possuem políticas familiares específicas (como a Índia), são postos em execução programas de educação, alojamentos para grupos específicos (rapazes, jovens, mulheres, minorias...).

Políticas e ações no campo da vida familiar

Muitos países, especialmente no mundo industrializado, adotaram medidas para prover condições favoráveis às instalações para a moradia, para facilitar a vida dos casais: permissão de ausência de pais, no emprego; licença/maternidade/paternidade; horários flexíveis de trabalho; creches infantis, restaurantes...

Em todos os países existem leis que regem os conflitos conjugais e os divórcios, intervêm na custódia dos filhos, o pagamento de pensões alimentícias ...

Alguns países oferecem às famílias desfavorecidas uma ajuda de habitação; faz falta um número maior de países interessados em fazer o mesmo. Alguns governos puseram em execução um projeto de ajuda aos idosos, o que facilita a estes a manutenção dos vínculos familiares. Em Benin, o Ministério da Família estimula o trabalho das mulheres, visto elas serem o maior arrimo das famílias.

O homossexualismo, durante um longo tempo considerado tabu, aparece como aceite mais abertamente, e admitido em algumas respostas como estando em expansão. Em alguns lugares goza de reconhecimento legal ou de tolerância, em outros é condenado irrestritamente. Em algumas respostas se percebe o alarma pelo reconhecimento e a tolerância do homossexualismo: na França, o pacto civil de solidariedade (PACS) faz parte de uma política de trivialização dessa prática. Aqueles que opinaram sobre o tópico, rejeitaram a adoção de filhos por casais homossexuais.

Não poucas respostas lamentam a insuficiência de políticas de luta contra o tráfico de crianças, a exploração sexual e o trabalho infantil. Um pequeno número lamentam o fato de as políticas familiares incrementarem o individualismo, que favorece a desintegração das famílias.

Políticas e ações na área da saúde

São reais os progressos na área da proteção materna e infantil e da assistência médica, ainda que sejam considerados insuficientes, até mesmo muito insignificantes, por serem imprescindíveis ao bem-estar das famílias. Algumas respostas, vindas de países desenvolvidos ou em vias de desenvolvimento, denunciam o elevado custo dos cuidados médicos, inclusive do atendimento das crianças.

O aborto é um dos grandes temas abordados nas respostas; as legislações variam de país para país; alguns o aceitam, outros o proíbem (como na África, América Latina), mas a proibição não consegue impedir a prática ilegal. A legalidade do aborto é denunciada em variadas respostas, e controvertida por certo número de jovens. Em alguns países a pílula do dia seguinte é receitada como norma de procedimento às adolescentes, sem o consentimento dos pais.

Os países que contam com centros de planejamento familiar são cada vez mais numerosos, e são muitos os correspondentes que se rejubilam com essa situação. Contudo, esses centros são avaliados diferentemente, e até mesmo incriminados por alguns, por ocasionarem repercussões nefastas (Togo). Há aqueles que consideram sua ação mais técnica que benéfica, limitando-se a distribuir a pílula sem antepor o respeito e a dignidade da pessoa.

As respostas que versam sobre as políticas da luta da preservação contra a AIDS e as enfermidades sexualmente transmissíveis são poucas. As oriundas de países em desenvolvimento lamentam que se esteja fazendo quase nada nesse campo, além do aconselhamento da abstinência (República de Gana), ou do uso de preservativos.

Por fim, a eutanásia é amiúde citada para assinalar que ela é proibida nas legislações e, por vezes citada como contrária à cultura (na África). Alguns comentários expressam apoio ao desenvolvimento das curas paliativas e reticência ante o prolongamento da vida mediante recursos médicos artificiais.

Serviços sociais

Muitas respostas expressam satisfação pelo desenvolvimento dos serviços sociais em prol das famílias, especialmente das mais desfavorecidas ou com problemas, monoparentais, com órfãos... Há necessidade para muito mais. Em casos demasiadamente numerosos a ajuda responde tão somente às precisões mais urgentes, e favorece o tipo de assistência denunciado na Europa e na América do Sul. Desta região, chegaram respostas que denunciam a corrupção e o clientelismo (as trapagens eleitorais), que se põem de permeio ao acesso aos serviços públicos.

Malgrado os milhões de dólares investidos nos serviços sociais, em uma resposta (Canadá), é afirmado que a pobreza, o nomadismo e a violência persistem.

Práticas educativas

Em numerosos países há empenho para implementar políticas de promoção da educação e da escolarização, com insistência na paridade meninos/meninas, especialmente na África. Todos os países se esmeram para pôr à disposição de toda a população uma escola primária de qualidade, e se considera imprescindível para muitas crianças o complemento da alimentação, providenciada nas escolas.

Resta ainda muito que fazer para fomentar o acesso de um maior número de jovens ao ensino superior.

Algumas respostas tacham de insuficientes, incompletas ou não-aplicadas as medidas adotadas pelos países no campo da educação sexual (América Latina).

Políticas financeiras

Existem subsídios econômicos e medidas fiscais para ajudar às famílias, mas ainda são considerados insuficientes; diferem de um país a outro.

Dentre as ações positivas cumpre mencionar a redução de impostos, o acesso e o apoio ao micro-crédito, o fomento de inversões estrangeiras, fontes de emprego nos países pobres. Assinala-se a República Dominicana, onde existe um programa de ajuda às famílias, para o caso de os filhos,

inclusive os não civilmente registrados, freqüentarem a escola. Na França, a mesada à mãe-viúva ou solteira a identifica, e lhe ajuda a educar o, ou os filhos, mais satisfatoriamente.

Do lado negativo, as respostas denunciam a onipresença dos benefícios que, por vezes, incitam as pessoas a não continuar a trabalhar, e levam a uma perniciosa dependência quanto ao exercício das responsabilidades familiares. A facilidade de obtenção de empréstimos coloca certas famílias em perigosas situações de endividamento.

Não podemos concluir este capítulo sem mencionar que alguns países elaboraram e aplicaram um Código da Família (Nicarágua e Panamá), e que a família é o centro de um “Livro Branco” (exposição oficial sobre o tema) na Itália.

A evolução das políticas familiares, valorizada por alguns, criticada por outros, é uma realidade. Com muita freqüência aparecem lamentos ante a insuficiência, a inadaptação dessas políticas, a falta de continuidade ou de coerência, a falta de financiamentos.

PROPOSIÇÕES

Nas proposições das ONGs que responderam ao questionário, são encontráveis variadas características ou lineamentos comuns:

- ✓ Na aplicação das medidas concernentes à família, sempre é preciso ter presente sua incidência sobre o conjunto de seus membros.
- ✓ Essas medidas têm que suscitar a participação das famílias.
- ✓ Na maioria dos casos, as famílias necessitam de facilitadores, e não pessoas ou instituições que assumam as responsabilidades das famílias.
- ✓ A melhor maneira de atuar em favor das famílias é trabalhar em coordenação. As famílias formam parte de comunidades, e estão relacionadas com instituições; devem todas evoluir conjuntamente,
- ✓ Mediante seu conhecimento do ambiente e das estruturas que estabeleceram, as ONGs podem tornar-se importantes sócios das autoridades públicas para ajudar às famílias.

1. EDUCAÇÃO

Devido aos novos comportamentos na família e às mudanças ocasionadas pelas novas tecnologias, muitas respostas insistem na educação dos pais, no impacto da escola que é complementação da família, e na função das estruturas religiosas, associações e Estados, para que assumam da melhor maneira o encargo dos jovens e das crianças. Mas nada se faz sem recursos; é por isso que, de todas as partes, chegam pedidos de ajudas financeiras.

Educação para os pais

É um pedido fundamental e geral “*pois a expressão do amor, o sentido da responsabilidade não são evidentes, sobretudo para a chegada do primeiro filho*”. Uma resposta sugere que um bom momento seria o da gravidez, e que seria oportuno fornecer folhetos de leitura fácil e breve, para instruir os futuros pais sobre a saúde, o desenvolvimento, a psicologia da criança e o papel educativo dos pais.

Essa educação para a paternidade permitiria ajudar aos pais no exercício de sua autoridade paterna, e na transmissão dos valores fundamentais da sua cultura aos filhos. Seria também preciso fazer compreender aos pais a influência de seu comportamento sobre a psicologia da criança (por exemplo, as conseqüências da separação do casal).

Dentre as sugestões: organizar cursos de formação na televisão (idiomas, técnicas de higiene...), organização de seminários ou cursos intensivos de formação, ampliar a lista de consultas pré e pós-natais.

Uma associação eslovaca propõe a criação de “centros para a família” com participação de especialistas em variadas áreas do saber: direito da família, sociologia, psicologia, medicina, sexologia, ética, pedagogia, teologia...

Mas, para exercer esse apoio, sobretudo, seria preciso que os professores, os responsáveis pelas instituições sociais e as religiosas, estivessem melhor preparados e aceitassem dialogar com os pais.

A família associada à escola

Ainda que a família seja reconhecida como a primeira educadora, todos coincidem em ressaltar a função essencial, ainda que não única da escola, com a condição, todavia, que os professores sejam competentes. Na África se expressa vigorosamente essa preocupação, sobretudo, “*para formar melhor os professores das áreas rurais*”. Destacam-se também as conseqüências da AIDS sobre o número de professores bem preparados.

Alguns vão mais longe e afirmam que os pais devem exigir sua participação no sistema educativo, e que a escola deve recuperar sua função educativa, complementar da função da família.

Evoca-se a necessidade de firmar um contrato de objetivos comuns entre os pais e a escola, e identificar valores comuns que devam ser ensinados. Devem organizar-se encontros entre pais e professores para harmonizar os métodos e as técnicas de educação. Inclusive, sugere-se que as crianças participem nesses encontros. Deve-se dar maior importância às associações de pais de alunos para revigorar os vínculos entre a escola e a família.

Se for para a família exercer e manter seu papel principal na educação religiosa, esta educação também deve ser ministrada na escola, assim como a educação cívica e moral, transmitida nas escolas secundárias por especialistas, inclusive juristas. Muitas respostas sugerem que, em todas as escolas, seja obrigatória uma educação na cultura religiosa, filosófica e humanista, resguardando a opção de uma educação religiosa específica.

É preciso apoiar as ONGs em sua função de facilitadoras da cooperação família/escola e alentar a colaboração entre escola formal e escola informal, que permita educar as crianças de escolarização difícil pelo sistema oficial existente.

Educação em valores

A família e a escola devem abrir-se ao mundo. Numa resposta oriunda da África, pede-se que, nos centros escolares da circunvizinhança, seja estabelecido um equilíbrio entre a utilização do idioma vernáculo e o ensino de um idioma de comunicação internacional, que permita uma sensibilização para a dimensão multicultural. Quando bem utilizada, a internet também pode ajudar a atingir esse objetivo.

A primeira exigência é a educação concomitante nos direitos e nos deveres; e logo, a organização de acordos com e entre os pais, seguindo o modelo de certos centros da América Central, para dar-lhes apoio em sua responsabilidade; por fim, o apoio às associações que alentam a educação nos valores humanos e nos religiosos.

Uma resposta propõe que se realizem seminários de reflexão para os casais jovens sobre os valores da família, a transmissão desses valores, o estado atual da família e os meios para resolver os problemas encontrados. Propõe-se também que escola, pais, estruturas religiosas, instituições sociais, ONG... trabalhem coordenadamente, para promover os valores de tolerância, do viver juntos, da interculturalidade.

É necessário educar mais amplamente para saber escutar, resolver conflitos, favorecer o diálogo nas famílias, formar profissionais para isto e especialistas para famílias e crianças em dificuldades. Essas respostas vêm à baila a toda hora.

Educação da sexualidade

As crianças e os/as adolescentes devem receber educação sexual, e em estágio mais adiante, deve ser ensinado aos jovens e às jovens, como se tornarem futuros pais e mães responsáveis; não descuidar um melhor conhecimento do corpo e dos métodos naturais de contracepção; acrescentar a prevenção contra a AIDS; criar centros de acolhida e de aconselhamento para casais, famílias, jovens... Na América do Sul, se nota uma insistência no fato de que a educação sexual deve ser integrada aos programas escolares. As associações que trabalham para prevenir contra a AIDS e as enfermidades sexualmente transmissíveis nos países em desenvolvimento deveriam receber mais apoio.

Créditos para a educação

Muitas respostas da pesquisa sugerem que se vá em busca de mais e de novos créditos:

- ✓ Para a formação permanente dos professores em vista de uma educação que exija a colaboração escola/família/sociedade;

- ✓ para oferecer bolsas de estudo às famílias pobres;
- ✓ para escolarizar todas as meninas;
- ✓ para um ensino público aberto a todos;
- ✓ para lutar contra a evasão escolar devido à pobreza ou a uma deficiente adaptação ao ensino;
- ✓ para centros de pesquisa e de documentação nas escolas;
- ✓ para apoio extra-escolar nas famílias, e os casos “de risco”;
- ✓ para a educação para o civismo ou espírito público, a tolerância, atitude contra o preconceito...

Para as ONGs que, em sua maioria têm uma feição educativa em sua atividade de campo em favor das famílias, a educação é uma exigência prioritária. Ela tem que tomar em conta todos os membros da família e englobar todos os aspectos da vida.

2. CIÊNCIA E ÉTICA

Necessidades

A idéia comum é proteger a família, célula de base da sociedade e semente do seu futuro, contra todo desenvolvimento científico que pudesse prejudicá-la. Não há dúvida de que, com a bioética, a família é o centro da evolução da atual pesquisa.

Muitos princípios de base têm que ser permanentemente reiterados:

- ✓ Não se pode reduzir um ser humano a uma mercadoria.
- ✓ As leis devem tomar em consideração a dignidade da pessoa humana.
- ✓ No ético, não se pode impor o que for contrário à convicção moral profunda da pessoa.
- ✓ Deve-se educar no respeito pela vida, e naquilo que isto implica como responsabilidade.

Todas as respostas denotam um certo desconcerto em face da complexidade dos problemas e mencionam a importância do papel do Estado na legislação bem como no financiamento: as respostas da Nova Zelândia ou da Lituânia especificam que é urgente legislar. Há também insistência sobre a necessidade de desenvolver um espírito crítico, pois as orientações políticas e a informação, propostas pelos meios de comunicação, por vezes, são viciadas no plano moral.

De maneira geral, as respostas ao questionário chegaram mais desenvolvidas dos países ativos na pesquisa científica.

Meios

Uma tentação nas respostas é preconizar o freamento do desenvolvimento científico, mas há a insistência numa melhor informação e melhor formação, na iniciativa do Estado, do mundo universitário, das estruturas religiosas ou da sociedade civil, favorecendo o diálogo e o estabelecimento de pontes entre os distintos pontos de vista e os desafios a longo prazo:

“Para que as famílias continuem sendo uma escola de vida, de valores humanos e cristãos, precisam dispor de uma informação honesta e completa sobre as novas maneiras de nascer, sobreviver e morrer” (resposta vinda da Argentina).

Uma recomendação é a de criar uma Comissão de Ética Nacional de alto nível e de credibilidade, lá onde não exista, bem como comissões ou *workshops* de ética nos hospitais, nas universidades, nas paróquias.

Uma outra recomendação é a elaboração de publicações pelas estruturas religiosas e as instâncias educativas orientadas para os variados públicos: Pais de família, professores, jovens...Necessitam-se também publicações específicas para os jovens e as jovens. Seria também conveniente, e até mesmo preciso, utilizar mais os meios de comunicação oral e escrita (rádio, televisão, internet, jornais, revistas...) para informar sobre os verdadeiros desafios, simplificando-os sem cair no simplismo ou na ingenuidade.

Os pais de família, em especial, precisam estar informados e formados no campo do diagnóstico pré-natal, da fecundação *in vitro*, da investigação sistemática das anomalias, da terapia genética. Uma resposta vinda da Rússia, assinala a recente existência em sua cidade de uma instituição “que produz bebês a pedido – *a la minuta*“, por 7.000 rublos. No outro extremo da vida, é preciso revalorizar a ansiedade, manter ativos os aposentados, criar mais centros de cuidados paliativos, definir onde inicia o prolongamento artificial da vida humana, por aparelhos. Há muito poucas referências à “clonagem”, e quando o problema é citado, a reprodução por clonagem é repudiada.

Quanto ao controle da natalidade, esta deve ser tratada sob o ângulo da responsabilidade dos futuros pais. Em resposta oriunda do Senegal, foi lembrada a importância do controle da fecundidade para o desenvolvimento do país.

A necessidade de prestar atenção especial a alguns aspectos

A sociedade civil deveria fazer-se mais presente no campo da ética e tratar mais preocupadamente do “bem comum”, pois, até agora, os problemas econômicos têm sido sua grande preocupação, através de associações.

“*Seria desejável criar espaços de reflexão sobre a implicação coletiva do comportamento pessoal, para uma ética da co-reponsabilidade comunitária*”, mencionou uma resposta vinda da República de Burkina Fasso.

As irrupções científicas, inclusive no campo da genética, não atingem, ou atingem muito pouco as famílias mais pobres, como acontece, aliás, com os países em vias de desenvolvimento, e isso, em si mesmo é contrário à ética. Os poderes públicos e a ajuda internacional deveriam remediar esta situação. É preciso destacar a importância das pesquisas na agricultura, pois concernem à atividade de grande porção da humanidade e à sobrevivência de todos.

O fortalecimento da justiça, da tolerância e da paz, dos direitos dos mais fracos, da luta contra a corrupção, da denúncia dos abusos, da revalorização do adulto e dos anciãos às expensas do “juvenismo” tão em moda, também pertencem ao domínio da ética.

Dentre os temas tão comuns como a bioética, e que também merecem nossa reflexão, se mencionam:

- O meio ambiente com suas conseqüências sobre a água, o ar, a agricultura...
- os relacionamentos homens/mulheres;
- a saúde, inclusive a saúde reprodutiva;
- o desenvolvimento;
- os direitos humanos.

Para sintetizar o sentimento geral, os progressos da ciência devem ser postos a serviço da qualidade de vida de todas as famílias.

3. CULTURA E DESENVOLVIMENTO

Família e valores

Falando de cultura, percebe-se certa ambigüidade: Por um lado, afirma-se que a transmissão da cultura do viver de cada dia e, conseqüentemente sempre viva, deve acontecer concomitantemente com a transmissão dos valores no seio da família. Mas, por outro lado, diz-se que a crise econômica e a globalização desestabilizam a identidade cultural dos países, e que a herança cultural familiar está desaparecendo.

É preciso dar assistência às famílias (inclusive, organizar campanhas em prol das famílias, asseveram algumas respostas vindas da Espanha e da Lituânia), pois a sua consolidação no tempo e na história é a base sobre a qual se constrói a identidade da pessoa, e se constrói a abertura dela ao outro. Sem a transmissão dos valores, transmissão que se inicia na família, a identidade nacional e a religiosa não podem desenvolver-se harmonicamente.

Mas, quais valores?

A resposta é sempre evidente quando se considera, por exemplo, um questionário da Rússia, no qual se declara que *“40 % das mulheres entrevistadas se queixam de que é difícil educar as crianças nas idéias e princípios de antanho, sobre a maneira de viver na sociedade (ser honrado, generoso, tratar de ser bem educado...), pois isso as impedirá a ter êxito na vida”*.

É importante apoiar o papel positivo dos avós, e favorecer os relacionamentos intergeracionais para a transmissão dos valores.

Família e vínculos sociais

Foi sugerido reconstituir o vínculo social nas famílias e entre as famílias nas comunidades, para revigorar o sentimento de pertença, a tolerância e a participação com base na cidadania. Nesta óptica, os centros comunitários de bairro, religiosos ou não, seriam muito valiosos para desenvolver o trabalho cooperativo, o tempo livre, o desporto, as festas, a otimização do artesanato, a literatura local.

- Na França, foi proposta a revalorização da vida nos bairros e nos povoados mais próximos das famílias, e a reflexão sobre a noção do “viver bem”; foram mencionadas as vantagens dos dias de sueto dos pais e da valorização do tempo dedicado à família para construir uma identidade coerente no respeito de cada um dos membros.
- No Brasil também foi solicitado que se preserve a vida rural, implementando a atividade agrícola, a promoção de uma política que facilite o acesso à propriedade e aos subsídios para o cultivo e a produção da terra. Pediu-se também a valorização das regiões ainda pouco desenvolvidas ou improdutivas, e que se defendam e favoreçam os direitos das famílias indígenas.

Na República de Burkina Fasso, foram feitas várias proposições:

- Organizar cada ano uma festa da família;
- Estimular os alunos de todas as escolas rurais a escrever a história de sua comunidade, e favorecer as férias nas famílias de origem (volta às raízes) para os habitantes da cidade;
- valorizar os variados idiomas do país;
- incrementar os intercâmbios entre famílias de cultura diferente;
- criar espaços de encontro entre jovens e anciãos, os guardiães da memória;
- terminar energicamente com costumes nocivos (excisões, disparidade entre meninos e meninas, condição das viúvas), em princípio todos proibidos pela lei.

Família e identidade

Há uma insistência geral sobre a necessidade de um trabalho comum: escola, comunidades, estruturas religiosas, ONG... para pôr de manifesto o patrimônio cultural das comunidades, o papel das famílias na transmissão desse patrimônio, e a maneira de superar as dificuldades que elas encontram nessa transmissão.

Uma reflexão adaptada, comum das famílias, com profissionais formados, lhes permitiria entender melhor o que estão vivenciando, e identificar as experiências em que se apóiam para participar no desenvolvimento.

Escola, trabalhadores sociais e família devem ajudar as crianças a buscar sua própria identidade, transmitir a identidade cultural nacional, abrindo-os à diversidade. Uma resposta oriunda da França evoca a dramática ruptura causada pela recolocação de crianças (nascidas, quase todas em famílias muito pobres) após uma decisão das estruturas de ajuda social, porque se consideram os pais incapazes de educarem seus filhos. Uma resposta vinda da Nova Zelândia diz: *“Os avós são uma maravilhosa fonte de transmissão da história familiar e da relação da família com a história”*.

A escola e as instituições do país de acolhida têm que sensibilizar as famílias de migrantes com a importância de conhecer e respeitar a cultura do país para facilitar a integração, sem desvalorizar a cultura de origem.

A educação permanente de todos os membros da família permitirá o desenvolvimento da cultura, bem como o baixo custo das atividades culturais propriamente ditas. Em Benin, se destaca o papel da alfabetização das mães para escreverem e transmitirem a história de sua família.

O Estado, mediante a escola e a concessão de bolsas de estudo, deve incentivar os intercâmbios culturais entre jovens, e manter as ações que favorecem o desenvolvimento cultural das famílias. É preciso revalorizar o ensino da história nacional, inclusive a história mais recente.

Uma tarefa por demais descuidada pelos meios de comunicação, é a contribuição em tornar conhecida a cultura local e a nacional, e dar a conhecer a cultura internacional. As culturas minoritárias têm que ser preservadas e melhor conhecidas.

Em síntese, deve-se ter o cuidado de pôr ou de manter as pessoas e as famílias no centro do desenvolvimento, preservando a continuidade do tempo e do espaço.

4. COMUNICAÇÃO

Os meios de comunicação social, elementos incontestáveis da transmissão da cultura e da vida cotidiana de todos os países do mundo, são fortemente criticados, e se convertem em objeto de urgentes e severas investigações. Seu impacto, muitas vezes, é denunciado como nocivo e demolidor das famílias. Uma resposta da América Latina declara que a cultura midiática se degradou e, por sua vez vai degradando os comportamentos familiares e sociais, visto que os meios de comunicação social priorizam demasiadamente o acúmulo de riquezas, a violência, as transgressões, a corrupção e o abuso do poder.

Por uma ética dos meios de comunicação social

A violência, os crimes, o sexo, o denominado “consumismo”... são os temas predominantes de todos os meios de comunicação social: televisão, rádio, publicidade, revistas, cinema, internet... E, mais grave ainda, na Austrália se afirma que “, *todos os meios de comunicação social influem na nossa maneira de pensar*”. As respostas mencionam o fato de os pais de família, com frequência abdicarem de suas responsabilidades naquilo que se refere aos meios de comunicação.

Todas as respostas, unanimemente, exigem uma atitude ética contra e de moralização dos meios de comunicação tanto escritos como orais. É um perigo concentrar os meios de comunicação nas mãos de alguns produtores que exibem filmes estrangeiros, e radiodifundem aspectos culturais e temas incompatíveis com a cultura do país. Isto não significa que se devam fechar as portas para tudo que seja estrangeiro: uma resposta da Namíbia expressa isto: “*A diversidade cultural deve ser respeitada; devemos, tanto aceitar as outras culturas, quanto preservar e defender a nossa*”. Em Benin, uma pessoa acrescentou que, “através da televisão, ela podia aprender sobre os modos de vida nos países desenvolvidos, para depois se inspirar neles”.

Muitas vezes os valores familiares não se fazem presentes, ou então, são mal veiculados na mídia. Isto urge uma mobilização das comunidades e do Estado.

Todos os países, assim, almejam por um controle ou uma censura da produção dos programas de televisão, dos videocassetes, dos sites de internet, da publicidade... Na América Latina é evocada a necessidade da “*elaboração de uma política de regulamentação dos meios de comunicação social*”, e na Europa, “*uma ética nos meios de comunicação e a promoção de uma descrição equilibrada da realidade*”. Alguns lembram que o boicote pelos consumidores pode vir a ser uma arma eficaz.

Propõe-se uma formação das pessoas que trabalham nos setores dos meios de comunicação no sentido de melhorar a qualidade das produções. Mediante incentivos financeiros e contratos com as agências de produção, o Estado pode favorecer emissões de qualidade (gratuitas, ressaltam as respostas vindas da América Latina), e assim passar adiante “*instruções construtivas, capazes de contrabalançar a cultura de globalização nas mentes dos jovens*” (África).

Em prol de meios de comunicação educativos e uma educação nos meios de comunicação

Incentivar alguns meios de comunicação educativa, em especial uma televisão educativa é um imperativo para todos, tanto para os países desenvolvidos como para os em vias de desenvolvimento.

Na Europa foi expressado o desejo de uma aprendizagem do discernimento dos pais e das crianças para apreciarem as riquezas, mas também para avaliarem os riscos do consumo dos meios de comunicação. As crianças necessitam de um “mediador” para tirarem o melhor proveito dos meios de comunicação. A Austrália deseja uma formação dos pais neste sentido. A publicidade também pode ser nociva, caso não for controlada e decodificada. Uma proposta insiste no sentido de que a educação através dos meios de comunicação seja dada às crianças desde muito pequenas. Os pais de famílias pobres necessitam de ajuda nesta sua função de educadores.

Na Europa, uma sugestão: *“Que se valorize a comunicação escrita, insistindo na formação literária, para que ela não desapareça sob a pressão da comunicação oral”*. Será que a escola não se está eximindo de sua função, quando se inspira demasiadas vezes nas programações e no vocabulário da televisão, sob o pretexto de interessar os alunos?

As novas tecnologias de informação (ICT) são menos vezes citadas que a televisão, mas são igualmente objeto de propostas. Para a República de Gana, o governo deve promover as ICTs *“para que todos possam tirar delas vantagens econômicas e educativas”*. Na Austrália sugere-se que um melhor funcionamento dos meios de comunicação traria uma melhora do conhecimento. Na América do Norte, algumas respostas propõem que sejam possibilitados empréstimos isentos de juros que permitissem às famílias comprar o equipamento necessário.

Em toda parte, existe a esperança de um melhor acesso de todos aos ICTs, para que se preencha o vazio existente entre os ricos e os pobres, entre a cidade e o campo.

Uma resposta vinda da África manifesta que há necessidade de um controle da relação custo/eficácia dos programas nacionais concernentes ao uso de novas tecnologias.

Com certeza, os meios de comunicação são questionáveis, mas são também admitidos como imprescindíveis e indispensáveis, pois podem proporcionar o melhor, como é mencionado numa nota oriunda da América Latina: *“a boa comunicação é o fundamento dos relacionamentos interpessoais e educativas”*.

As novas tecnologias da comunicação, da televisão, quando são de qualidade e bem utilizadas, são um excelente meio para reunir e manter unidas as famílias.

5. CIÊNCIAS SOCIAIS E CIÊNCIAS HUMANAS

De maneira geral, as respostas insistem na necessidade de atuar para uma melhor distribuição das riquezas, a proteção dos mais fracos e uma melhora da qualidade de vida das famílias. O conhecimento e o respeito dos direitos humanos são considerados indispensáveis. Com frequência é ressaltado o papel das organizações de ação social de congregações religiosas ou eclesiais, ou outras, nessa luta contra a pobreza, bem como o compromisso insuficiente do mundo dos negócios e dos poderes públicos.

Algumas orientações importantes que devem ser levadas em consideração:

A realização de pesquisas sobre a pobreza, em busca de conclusões de efeitos reais

Sugestões, especialmente vindas da Europa e da América Latina, pedem que as ciências humanas se empenhem em identificar as causas da pobreza, e que depois, os resultados colhidos sejam comunicados aos responsáveis políticos e econômicos, às estruturas religiosas, aos agentes sociais e às ONGs; que, por fim, esses resultados sejam adaptados e incluídos nos programas comunitários, com a participação das famílias envolvidas.

Combater a pobreza

Certamente é esta a prioridade expressa na maioria das respostas; deve ser feito todo o possível no apoio aos Estados e às autoridades regionais, às estruturas religiosas e às associações em seus esforços em favor das famílias mais pobres em todos os lugares onde a existência delas esteja debilitada, já que, aliás, elas representam o próprio futuro de seus países. Com certeza, o desemprego é a causa primeira da pobreza das famílias. Há insistência sobre a adoção de medidas para lutar contra o desemprego e a exclusão, mas também para garantir o acesso à educação, à saúde, à justiça, à promoção do desenvolvimento.

Algumas respostas, vindas da República de Burkina Fasso, propõem a revalorização do trabalho ao nível das famílias, e o estímulo às iniciativas do setor comercial, geradoras de emprego e de rendas ao nível do local.

Com frequência aparecem os pedidos de atuação dos poderes públicos:

- Pela busca da paz, da luta contra as organizações criminosas, a corrupção e a malversão do dinheiro dos Estados.
- Para a criação de um Ministério da Família, lá onde ainda não exista, que coordene todas as ações em favor das famílias.
- Por uma política do emprego, de empregos de qualidade.
- Por um apoio geral à luta contra a exclusão:
 - Quer seja diretamente, através de programas de apoio às famílias pobres, atendendo às reais necessidades, sem prejudicar a autoridade dos pais. Da África vieram respostas que mencionam a importância do desenvolvimento do micro-crédito e do cultivo agrícola para a produção de alimentos. Esses programas devem ajudar às famílias de imigrantes pobres,
 - Quer seja indiretamente, mediante a promulgação e a aplicação de leis econômicas mais justas, sobretudo de vantagens fiscais, para favorecer as famílias que têm que pagar as despesas mais pesadas na sociedade, e são, para ela as geradoras do futuro.

- Dentre as ajudas indiretas se encontra também o estímulo ao voluntariado, proposto pelo Canadá, e uma maior colaboração com as ONGs de ação social.

Assim, na Europa foi solicitada a ajuda e o financiamento de centros sociais para as famílias e os jovens, animar as municipalidades e os serviços sociais a serem mais acessíveis e estarem mais à escuta das famílias, ajudar aos mais vulneráveis a encontrar trabalho, sustentar e, eventualmente, sancionar os organismos de empréstimos às famílias, e incrementar o conceito da dignidade da família na sociedade.

Em algumas respostas vindas da Ásia, há uma insistência sobre o acesso aos serviços sociais e na necessidade de a sociedade civil se organizar em redes; deste modo suas ações seriam mais eficazes e com mais poder para pressionar a obtenção de políticas coerentes de apoio às famílias.

Algumas respostas oriundas da Ásia pedem que a volta dos trabalhadores de ultramar, e a regulamentação do trabalho infantil, sejam facilitadas.

Favorecer os valores transmitidos pelas famílias

Esta solicitação proveio mais particularmente da Ásia, mas também da Austrália, onde se propõe ao Estado que ajude aos pais em sua função de transmissores dos valores, permitindo à sociedade ser mais equilibrada, mais aberta e mais justa: confiança no outro, honradez, solidariedade, sentido do esforço, cidadania, tolerância.

Na América Latina, há repetidas referências à influência que a sociedade civil pode exercer sobre a aprovação de projetos e leis em prol dos valores familiares, mediante boicotes, manifestações, artigos e publicidade.

Favorecer o exercício da liberdade e dos direitos fundamentais

As respostas oriundas da América Latina estão muito orientadas para a aplicação de todos os direitos e o conhecimento desses direitos pelas famílias, inclusive pelas mais pobres.

Algumas respostas chegadas da África destacam a importância especial de as mulheres terem consciência de seus direitos. O Estado tem que lutar mais contra a exclusão e a marginalização, especialmente das crianças, muitas vezes herdada dos pais, e garantindo o acesso à liberdade e aos direitos fundamentais (direito à educação, à saúde, à justiça, ao desenvolvimento...).

Na Índia, na África, também se pede aos governos que adotem as medidas necessárias para que cada ser humano tenha o direito ao saber, à instrução, e que sejam respeitados os direitos dos idosos e dos que apresentam deficiências.

O Estado deve também preocupar-se com a proteção dos mais vulneráveis. Na América do Norte se está pedindo que mais especialmente sejam atendidas as mulheres e as crianças, mediante ajudas econômicas, mas também mediante assistência jurídica, enquanto que no Sudeste da Ásia se pede que essas pessoas sejam protegidas contra os riscos da prostituição e das drogas.

As respostas insistem sobre o papel natural e de primeiro plano das famílias, na proteção dos direitos dos mais vulneráveis de seus membros, crianças, desempregados, deficientes físicos e

anciãos. Isto faz parte dos múltiplos recursos da família. Por isso, é importante que o Estado dê seu apoio.

Resolver o problema habitacional

Este problema se faz muito presente nas respostas, particularmente da Europa, onde se deseja “que todas as famílias tenham uma boa casa num meio ambiente sadio”. Na América Latina, as moradias dos mais pobres, melhor denominados barracos contra as intempéries, na quase totalidade, são insalubres e ilegais. Está-se solicitando aos governos que se inspirem na cultura de ajuda mútua praticada nessas periferias desfavorecidas e desassistidas, com nomes conhecidos: favelas, morros, caixas-de-fósforo, “villas miseria”..., para empreender movimentos de reabilitação.

Através das moradias é possível favorecer uma maior mescla social que permite uma integração mais ampla. É de notar que a miscigenação social desapareceu quase completamente nas grandes metrópoles.

Finalmente, na estrutura de ajuda às famílias, houve sugestões concernentes à atuação de todos:

- ✓ Reforçar a prevenção e garantir um acompanhamento regular das famílias que têm mais dificuldades: máxima pobreza, alojamentos para crianças, deficiências, droga, AIDS, seitas, delinqüência...
- ✓ Desenvolver o consenso e a informação antes de adotar as decisões acerca da família.
- ✓ Avaliar a aplicação das leis destinadas a sustentar a família. As ONGs devem comprometer-se neste sentido.
- ✓ Desenvolver a solidariedade e a tomada de consciência de que todos estão implicados na luta contra a pobreza e as injustiças num mundo interdependente.

Algumas medidas sociais e econômicas, envolvendo o setor público, mas também a sociedade civil, são indispensáveis para amparar as famílias em suas múltiplas funções. As famílias pobres devem estar no centro das preocupações nacionais e internacionais.

CONCLUSÃO

Ao finalizar este relato descritivo e informativo dos dados colhidos, percebe-se que os resultados denotam uma impressionante confluência. Em todos os recantos do mundo, as mudanças concernentes à estrutura familiar se deram em ritmo acelerado no decurso do último decênio. As evoluções sócio-econômicas e as migrações devidas à globalização, provocaram a desintegração dos grupos familiares e fizeram desmoronar as teias comunitárias. Dentro da família os papéis dos diversos protagonistas se têm modificado. Esses transtornos criaram obstáculos a seu bom funcionamento. Mas, **malgrado tudo isto, a família continua sendo a unidade básica da sociedade e, como tal, tem direito ao apoio e ao estímulo dos Estados e das instituições.**

Em face da premente necessidade de educação em todos os domínios, como se verificou na pesquisa, é preciso que se insista em repetir que **a família é o espaço primeiro da educação.** É ali que a criança aprende a viver os valores que hão de orientá-la na vida: o amor, a solidariedade, a abertura ao outro, o respeito pela vida. Em sua família é que a criança adquire sua identidade e faz a experiência de uma vida espiritual segundo a tradição familiar. A escola adquire sua importância mediante sua função de instruir nos conhecimentos básicos e educar para a abertura ao mundo exterior.

Mas, a família enfrenta dificuldades e sofre influências discrepantes: pobreza, dispersão das famílias, materialismo, todo o rol dos meios de comunicação social e dos diversos grupos sociais.

É por isso que as famílias devem receber todo o apoio. As respostas da pesquisa assinalam muitas respostas:

- ✓ Incrementar pesquisas sobre a pobreza e a exclusão, para lutar mais eficazmente contra esses males.
- ✓ Proporcionar oportunidades aos pais para assumirem melhor suas responsabilidades educativas.
- ✓ Permitir que os pais ofereçam a seus filhos uma educação escolar de qualidade.
- ✓ Favorecer a associação entre a escola e as famílias.

Os Estados e os responsáveis têm outro motivo para apoiar a família: é ela, a família, que forma os cidadãos do futuro. Ela ajuda as crianças a se tornarem autônomas; gradativamente lhes vai confiando responsabilidades que as preparam para mais tarde assumirem uma função ativa na sociedade e no desenvolvimento de seu país. Efetivamente, a variedade dos relacionamentos que se entrecruzam no seio da família alimenta e determina outros tipos de associações humanas desde a relação pessoal até o próprio Estado.

A família é o espaço privilegiado para o intercâmbio entre gerações e a partilha com aqueles que não podem manter-se pessoalmente: Ela é o primeiro laboratório de uma ética social. Mas, esta função da família é obstaculizada pela ambição de ganhos, a corrupção, a violência, a guerra...

Os participantes nesta pesquisa recomendam aos responsáveis certo número de medidas, dentre as quais destacamos:

- ✓ Introduzir ou reintroduzir na escola o ensino do civismo e da cultura religiosa, filosófica e humanista.

- ✓ Recompôr os vínculos sociais nas famílias, por exemplo, favorecendo uma produção de qualidade nos meios de comunicação social.
- ✓ Estimular a transmissão da herança cultural, com uma abertura à cultura do outro.
- ✓ Favorecer a participação das famílias na elaboração das decisões concernentes ao futuro das sociedades, em matéria de bioética, do meio ambiente, da solidariedade nacional e internacional....

Como componente básico da sociedade, a família é o centro de todas as atividades da vida privada e da vida social: procriação, educação, ética, cultura, economia, comunicação... Por isso, os Estados devem estar atentos em **pôr os assuntos familiares no centro de todas as políticas**, inclusive naquelas que, aparentemente não têm relação direta com a família, mas cujas conseqüências podem influir – através dos indivíduos afetados – no funcionamento da célula familiar.

Apesar das dificuldades encontradas, a família continua sendo indispensável devido às suas múltiplas funções. Seu bom funcionamento e seu bem-estar importam a toda a sociedade. Por isso, os Estados, as instituições e os variados organismos da sociedade civil devem apoiá-la coordenadamente. **As ONGs que responderam aos questionários, em nenhum caso pediram que se atue em lugar das famílias, mas sim, que se reforcem os múltiplos recursos para as amparar.**

Esta pesquisa realçou sugestões e solicitações: resta desejar com ardor que os responsáveis de todos os níveis as tomem em consideração e suscitem a **elaboração de um texto internacional sobre a família.**

Para partilhar em grupos

1. Desde há 12 anos, o quê sua comunidade educativa realizou, tomando em conta as variadas situações em que se encontram as famílias, por exemplo, no plano econômico, nos relacionamentos entre os casais, nos relacionamentos entre pais e filhos, no acompanhamento espiritual, na elaboração de materiais de informação...?
2. Quais conclusões do Boletim N° 245 foram concretizadas?
3. Na opinião de vocês, quais são as tendências atuais da vida das famílias de sua região?

Países de onde vieram as respostas aos questionários

ÁFRICA

África do Sul – Benin – Burkina Fasso – Camarões – Djibouti – Gana – Madagascar – Ilha Maurício – Namíbia – Senegal – Togo.

AMÉRICA LATINA

Argentina – Bolívia – Brasil – Colômbia – Cuba – Equador – Guatemala – Haiti – México – Nicarágua – Panamá – Paraguai – Peru – República Dominicana – Uruguai – Venezuela.

AMÉRICA DO NORTE

Canadá – Estados Unidos

ÁSIA

China – Índia – Macao – Filipinas – Vietnã

EUROPA

Bélgica – Bielorrússia - Eslováquia – Espanha – Finlândia – França – Grécia – Itália – Lituânica – Luxemburgo – Malta – Polônia – República Tcheca - Reino Unido – Rússia – Suíça – Ucrânia.

OCEANIA

Austrália – Nova Zelândia.

Membros do grupo de ONGs católicas sobre a família

- Associação Católica Internacional de Serviços para a Juventude Feminina
- Associação Internacional de Caridades
- Caritas Internacional
- Oficina Internacional Católica da infância
- Oficina Internacional de Ensino Católico
- Organização Mundial de Antigos Alunos e Antigas Alunas de Ensino Católico
- União Mundial de Organizações Femininas Católicas
- Com a participação do Centro Católico Internacional de Cooperação com a UNESCO

As ONGs Católicas, membros do Grupo “Família”, estão atuando em 180 países, e representam mais de cem milhões de pessoas.